

# ECOS DE CACIA

SEMÁNARIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

REPRESENTANTE

Em Lisboa

Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Torreira, Povoia, Eixo, Q. do Gato, Bonsucesso, Esqueira, Mataduchos, Avanca, Estarreja, Coimbra e Angeja.

## ASSINATURA

Ano, série de 50 números . . . . 20\$00  
Semestre, série de 25 números . . . 10\$00  
Estrangeiro, ano 50 números . . . . 50\$00  
Brasil e Colonias . . . . . 30\$00

Proprietário-Director e Administrador  
**José Marques Damião**

Filiado no SINDICATO DA IMPRENSA  
PORTUGUESA

Redactor e Editor

**Antonio da Costa Pinto**

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICÁRIO  
DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS  
Rua da Paz—QUINTÃ DE LOUREIRO  
(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

## A crise politica

É caso de geral lamentação: morreu o espirito heroico do liberalismo!

Todos aqueles que escrevem acerca deste assunto, não encontram aquella emoção, generosa, nobre, romantica que caracterizou as gerações que viveram nos primórdios do seculo XIX.

De igual modo, entre nós, como em muitos outros países, há uma corrente accentuadamente hostil, francamente inimiga do regimen parlamentar, condenando-o de vácuo, retórico e impotente.

É coisa para pensar serenamente nestes fenómenos de psicologia colectiva que se produzem nestes momentos com caracteres de alarmante generalidade, procurando encontrar as razões a que obedecem, as causas que os motivam.

—Morreu o espirito do liberalismo?

Não se pode, não se deve dar uma resposta irreflectiva a tal pergunta. Em muitos povos, naquelles que estão na vanguarda do progresso politico, o espirito do liberalismo transformou-se.

A conquista dos grandes principios revolucionarios foi a finalidade que os homens liberaes do seculo passado, perseguiram. Alcançado o triumpho, não ha razão de ser que perdurem aquelas fórmulas e expressões do liberalismo histórico.

Porém, o espirito que as alentou e que lhes deu vida, palpita e desenrola-se, hoje, com igual pujança, se bem que encarnado em novas expressões, em modalidades distintas.

Todo o movimento dos operarios, as grandes lutas socialistas, em ultima análise, não são outra coisa que maneiras novas do liberalismo.

—Ontem lutava-se por principios e ideias de ordem filosófica, hoje batalha-se por ansias e anhelos económicos; ontem pela forma, hoje pela substancia.

A classe média de então é hoje a burguesia. Para triunfar das classes privilegiadas — nobreza, clero e realza — estabeleceu contendas formidaveis. Valeu-se do regimen parlamentar para consolidar e manter os frutos das vitórias revolucionarias.

Hoje, aliada com os privilegiados, quer fazer frente e subjugar as exigencias dos desprotegidos.

Como o Parlamento — em todas as suas imperfeições — é tribuna de direito e de justiça, os favorecidos, os que disrutam as regras duma posição, atacam, de todas as maneiras, aquele regimen de publicidade e polémica, onde a razão prepara a reforma dessas situações contrarias á equidade.

A luta entre o regimen parlamentar nasce, não do convencimento da sua esterilidade, mas do temor da sua eficacia.

A. Vilar de Figueiredo.

Visado pela Comissão de Censura.

## Impressões de um passeio Cacia---Terra de encantos

Há certas aldeias em Portugal, esquecidas e ignoradas pela maior parte do publico, e no entanto, elas são muitas vezes grandes centros de turismo, que nos proporcionam inumeros atrativos. Não é só nas cidades, e nos grandes centros, que nós encontramos factos que nos prendam a nossa atenção. Se nós passearmos por exemplo até Cacia, os nossos olhos estendem-se cheios de surpresa, ante um verdadeiro prodigio da Natureza.

O dia foi alegre e cheio de sol, e com o meu espirito já atormentado e aborrecido, pelos rúidos constantes da cidade, resolvi, neste modo de ideias, procurar o socêgo, e ir passar o domingo ao campo, para o que escolhi a encantadora Rainha do Vouga—Cacia.

Cacia, é uma antiga povoação pertencente ao concelho de Aveiro, e a poucos kilometros da mesma cidade, maravilhosamente servida pelo caminho de ferro da C. P., e por boas estradas, d'onde se veem ao longe as serras como um trono, de inverno coberta dum manto alvo de neve, e onde se escuta tambem o éco sumido do trabalhar das ondas do Oceano.

A' medida que o comboio ia avançando seguro e rapido para a aprazivel aldeia de Cacia, a minha vista divertia-se em contemplações pelo

campo tapetado de verde. Quando o comboio pára, a curiosidade propria dos meus vinte anos impacienta-se.

Logo á entrada, sinto-me enlevado numa paizagem rica em verdura, e em que se desenrola um panorama dos mais atraentes do paiz.

Cacia, é na verdade uma povoação cheia de encantos, e digna de visita.

Depois de passear e admirar as suas ruas, com as suas belas idificações, algumas das quais, lembrando-me horas distantes, não me detive por aqui.

Desci até áo poético Vouga, que nascendo lá nos montes alcantilados da Serra da Lapa, e descendendo até ao vasto fundo dos vales, aqui vem passar, correndo tranquilo e despreocupado no seu leito, e foi então que eu me senti envolto num quadro fantastico e grandioso!

Certamente que a Aurora, ao sair do seu banho de orvalho, sacudiu a opulenta cabelreira ruiva, por sobre este jardim appetitoso, e as gotas cristalizadas em floquitos, deram assim uma mimosa espiritualidade a esta encantadora terra.

A tarde arrefece, e é preciso retirar, daqui a pouco a noite lança o seu manto escuro sobre a terra. Demorei mais uma vez o olhar para os encantos da Natureza, e retirei-me.

Mário de Matos.

## A Imprensa e a situação

Em bem dedusido artigo de fundo, sob o titulo que nos serve de epigrafe, diz o nosso illustre colega *Jornal de Espinho*, no seu numero 117:

Que deviam ser concedidas *todas as facilidades moraes e materiaes, aos jornais que desinteressadamente defendem a Situação, todas as dificuldades áquelles que, com receio do FUTURO (?) encham as suas colunas com aquella prosa branda e meiga que não é por nós nem contra nós.*

Sem discordarmos em absoluto com o modo de vêr do brilhante semanario que se encontra dentro do seu pápel de situacionista, ousamos porem apresentar a nossa opinão:

Se um Paiz sem imprensa é como uma igreja sem sinos—e estes encontram-se em todas as ermidas mesmo nas mais humildes, de varios tamanhos, feiços e sons—com que direito

## e a situação da Imprensa

se aniquilam uns em proveito de outros? Questão de simples afinção? Não é justo.

A consumir-se a ideia apresentada pelo fogoso órgão regionalista que vê a luz da publicidade na ri lente vila e praia de Espinho, todos os outros que, como nós—ficis no cumprimento da sua missão de "independente"—flutuam ao sabor das correntes, alheios a paixões politicas, dando o seu incondicional apoio ao governo vigente e a qualquer outro que, como êle, elève acima de tudo o mais sagrado de todas os ideais—"Pela Patria"—seriam impellidos á derrocada fatal, ao soltar o ultimo grito que em vão pretenderam soffocar na garganta: —haja moralidade!

Se come um, comam todos!!

Perola Verde.

## CARTA

### "MARIA RITA"

Camafeu da minha afeição

Todas as semanas tenho para ti o *sumo praser* de falar contigo, e riu-me das tuas facecias. Mas desta vez filha, não te portaste bem, debicaste comigo, e eu não gostei, sabes? Jamais sendo tu da minha muita afeição.

Debicaste comigo por que les-te o meu 1933 por cima dos oculos, ou então tiveste flato, ou ingestão de café a mais, com vantagemado copo de bagaceira, no Agua d'Ouro, para vees assim o fim deste ano fora de um domingo e não queres o S. Silvestre nesse dia.

Desta vez saiu bota, minha queidinha.

Surriadal Surriadal

Oh, filha então não costumavas ler o Borda d'Agua ou o Seringador? Lá vem o 31 de dezembro:—S. Silvestre, papa. (Mas agora não papas, chuchas.)

Já vez minha feia, que não faltei á verdade. Tu é que depois de velha d'este en alcoviteira e... pestosa. E tens de comprar uns oculos de maior alcance. Pois se tu ate embicas com os eiros de caixa. Afianço-te que o meu original vai direito para a redacção, o que não lhe faço é a revisão, mas o que te affianço, minha rabujenta, é que a minha ignorância não é tanta como imaginas. Não sei profundar a natureza, é certo, mas olha, querida matrona, sei atirar com a *natureza p'ro fundo*, podes crer.

Olha, M quinhas, o teu tratado de zoologia é igual ao meu, não traz lá o F. Mas que idinha, consulta os tratados de botânica e fisiologia e lá encontraras o F. Mas o teu tratado de zoologia deve trazer o M. e o R. Dz assim: *mula, animal que quando nasce fica logo em quatro estacas e ás trombidias ao ubere da mãe.*

Parece que lêes de côr como o Barbosa, manina.

Não voltas a tomar café com bagaceira, filhinha, senão depois não pôles ler bem o que significa o F, nem lhe pôles juntar as tres letras que representam aquelles poemas liricos de velhos tempos, nem pôr um risco de união e ainda mais o pronome *te* no final.

Não te masso mais. O Damião pede-me para te apresentar os seus agradecimentos pelo reclame que lhes tens feito ao jornal, do que tem resultado maior tiragem, e está admirado que tu, com tão respeitavel bojo, ainda tenhas tanta agilidade para caixeira viajante.

Receba um chi-coração deste teu afeiçoado de todas as semanas

F...

## "O Debate"

Assumi a direcção deste nosso colega Aveirense, o sr. Castro Maia, illustre professor primario na cidade do Vouga.

**Ecoss da semana**

**NO CAMPO DA HONRA**

No numero 127 deste jornal e sob es a epigrafe, descarregamos as primeiras culhadas sobre um grupo de miseraveis cobardes que, embrenhados na treva, tentavam apunhalarnos pelas costas.

E foram tao certos os nossos golpes, que os inimigos fugiram e pavor do como poltões. Só ur, usando a «muita» que lhe é peculiar, baniu o dorso, apoiou o fucinho entre as mãos, escancarou a bocarra e formando um terrível salto procura-nos as canelas, que—grças a um bom par de policias de forte coiro, que usamos—ficaram ilesas. Ao constatar a inutilidade dos seus intentos, o miserando animal volta-nos rapido as costas e subindo a um outeiro, distante, diz-nos: «deixa estar Perola Verde, que não perdes pela demora; Na proxima semana furar-te-hemos, para te enfiar na nossa colecção.»

Ora veem, leitores queridos, em que lençois nos achamos? Mas vós ajudais-nos na espinhosa empresa, acompanhando, sem enfado, o desenrolar da tragedia... sim? E verio que talvez os papeis se invertam; quando eles se julgarem na situação de furadores, é possivel que já se encontrem furados—grças a um apirelho, apropriado para o efeito, que nossa mãe nos legou...

Caro grrrrramati...cão:

Como prometemos usar, neste combate tao desigual a arma da lealdade, vamos, dentro de tal principio, satisfazer-lhe a curiosidade:

Não somos natural de Cacia, conhecendo a terra, apenas de tradição. Eramos assiduo leitor e colecionador do vosso pasquim e deixamos de o ser, quando, despeitados pela infame luta de morte que moviam a um pobre semanario indefeso, oferecemos a nossa humilde caneta ás colunas deste jornal.

Não atiramos a pedra escondendo a mão—como diz—porquanto, o «fundão» a que se refere não era da nossa autoria, mas sim, um outro artigo que a redacção do «Ecos» entendeu por bem não publicar, para dar cabida ao pensamento de Rosseau:—«o homem de valor despreza o duelo; o homem de bem detesta-o».

Já vê, Heitor, que se enganou no numero da porta... porque nós sempre tivemos hombridade sufficiente para arcar com a responsabilidade dos actos que praticamos, e, senão nos libertamos imediatamente da mascara do «pseudonimo», é somente com o receio de que as nossas melindrosas narinas não possam suportar o pestilento habito da sua «Maria Róta».

E fique sabendo que temos em nosso poder o mais completo arsenal de m-tralha, não fazendo porém, hoje, uso dele, pela unica razão de que, mantemos o sublime preconceito de não bater no inimigo que cai. Quer mais lealdade?

Finalmente, aceite os protestos do nosso reconhecimento pela «amavel» referencia que fez á nossa caneta; cizia que não se enganou de todo, chamando-lhe colorida, porque ela é o realmeite... de verdade, a mesma cor da mascarilha que oculta a vera esfige—de aquelle que, de frente altiva, continua firme no seu posto de combate—o campo da honra.

Perola Verde.

Este numero foi visado pela Censura

**A Associação do Registo Civil**

é um grande baluarte da Republica e do Livre-Pensamento

O *Ecoss de Cacia* tinha o dever, de em um dos seus numeros, falar da benemerita e patriótica Associação do Registo Civil e Livre Pensamento.

Para isso, procuramos o nosso querido amigo, dedicado e valoroso correligionario sr. Antonio Lomelino, que prontamente, respondeu á pergunta feita pelo nosso Redactor, nos seguintes termos:

A Associação do Registo Civil, faz em 5 de Agosto, trinta e oito anos que foi fundada por uma pleiade de liberaes, três dos quais, felizmente para a causa, ainda vivos, são, os srs. Ferreira Chaves, Vasco Gamito e José da Costa, que com outros seus colegas, viam a necessidade absoluta de combater a reacção clerical. Sentindo mais essa necessidade após a procissão de Santo Antonio em 1875.

—Esta colectividade quando da sua fundação teve outro nome?—interrogamos.

—Sim... denominava-se Associação Propagadora da Lei do Registo Civil, e teve várias sédes. Primeiramente na rua Marquês do Alegrete, depois na rua dos Douradores, travessa dos Remolares, Calçada Marquês de Tancos, e daí para onde nos encontramos, até que melhores dias venham, e, possamos, então, adquirir séde propria, o que é o nosso sonho de todos os dias.

—Recorda-se dos nomes de alguns dos oradores, que antes e depois da implantação da República, tomaram parte em sessões de propaganda e protesto?—inquirimos.

—Sim senhor... entre outros vultos, Heliodoro Salgado, Augusto José Vieira, Fernando Boto Machado, dr. Magalhães Lima, Artur Costa, dr. Lomelino de Freitas, dr. Macedo de Bragança, Nobre França, dr. Agostinho Fortes, almirante Candido dos Reis, dr. Antonio José d'Almeida, coronel Antonio Maria Baptista (O Baptistinha); dr. Afonso Costa, Coronel Carrazedo de Andrade, comandante Carvalho Araujo, dr. José de Castro e dr. Miguel Bombarda, Julio Berto Ferreira, professores Simões Raposo, Rodrigues Direito, José de Barros Lima, Cesar da Silva, Lino Silva, Gomes de Carvalho, Manuel da Silva e Jaime Ferreira, dr. Lopes de Oliveira, Edmundo de Oliveira, dr. Ramon de La Féria, capitão Mendonça Sales, dr. Carmen Marques, Domingos Cruz, dr. Palma Carlos, professor Candido de Carvalho, dr. Orlando Marçal, coronel Manuel Maria Coelho, dr. Matos Cid, publicista Eulrico Marques de Oliveira, dr. Paulino Gomes, dr. Peres Rodrigues, Amantino do Nascimento e o nosso amigo e consocio Carlos Regueira Santos.

—Qual o numero de associados?

—Cerca de 5.000 mil de

ambos os sexos, o que dignifica e honra a mulher portuguesa.

—Têm muitas delegações? —Em quasi todos os pontos do País.

Quantas escolas mantêm?

—Duas: uma diurna e outra noturna, de instrução primaria e de piano, esta última regida pela professora sr.ª D. Isabel Paiva.

—Tem sido pelos diversos corpos gerentes prestada homenagem á memoria de vultos da República e do Livre pensamento?...

—Foram ultimamente inaugurados os retratos dos srs. dr. Antonio José de Almeida, José Pinheiro de Melo e dr. Magalhães Lima, os ultimos dois, foram respectivamente presidente da assembleia geral e presidente honorário.

—E no periodo...

—...das outras direcções... interrompeu o nosso illustre interlocutor... temos: comandante Carvalho de Araujo, coronel Antonio Maria Baptista, Almirante Candido dos Reis, dr. Miguel Bombarda, coronel Carrazedo de Andrade, Boto Machado, dr. Antonio Macieira, Alferes Rui Ribeiro, Gonçalves Neves, Augusto José Vieira, Alferes Martins, —este assassinado miseravelmente quando da escalada de Monsanto, dr. Afonso Costa, Marquês de Pombal, dr. Teofilo Braga, Antonio Augusto de Aguiar, Heliodoro Salgado, professor Manuel dos Reis Buiça, Luiz Costa, General Gomes Freire, Coronel Elias Garcia, Luiz de Camões, Victor Hugo, Antonio José da Silva (O Judeu).



Edifício da Associação do Registo Civil

—Este, uma das vítimas do clero quando da Inquisição?...

—Exactamente... e temos também o de Sara de Matos, que foi assassinada no convento das Trinas, depois de violentada.

—Qual a vossa orientação futura?

—Continuar a combater e cada vez mais, com a maxima tenacidade a reacção clerical pela propaganda, quer na imprensa, quer em sessões, enfim, por todos os meios, ao nosso alcance.

É necessario que se façam respeitar as leis basilares da República, que muitas das vezes, o não são.

—A Associação responsabiliza-se por fazer respeitar as ideias dos sócios após o seu falecimento, desde que oportunamente o declarem?

—Sim senhor. E mais lhe digo... podem até serem incinerados, aconselhando-lhes nós, que junto das pessoas das suas familias e relações, inculcam nelas, a ideia da cremação dos cadavares, no intuito de fazer desaparecer a repugnância e o horror que a gente menos culta tem por este acto.

Demos por terminada a entrevista, a que pôs ponto final, um efusivo aperto de mão.

**UM DEVER**

«A solidariedade republicana não deve ser esquecida nos dias de Festas». Foram palavras do jornal «Republica».

Eu também não posso esquecer nos dias de festa todos aqueles que sofrem, longe dos seus e da terra em que nasceram, a maior das dores:

Saudades da familia e da Patria.

Recordo, com profunda tristeza, todos os valentes defensores da Patria e da Republica que moirejam, por terras

distantes, o pão de cada dia, mas que mesmo lá longe se esforçam por honrar a patria que lhes foi berço.

Quero ainda prestar a minha homenagem de admiração e saudade a quantos, desde Outubro de 1910 até hoje, teem vertido o seu sangue, ou tombaram nas lutas pela defesa da Republica e glorificação da Patria. A minha homenagem, não é só para os que se bateram de armas na mão. É também para os que se bateram de

fender o regime e honrar a Patria com a sua pena, já publicando artigos vigorosos nos jornais, ou escrevendo interessantes e oportunos livros, e ainda para os que souberam prof. rir brilhantes e entusiasticos discursos.

Nesta hora de paz e união para a familia republicana portuguesa, encoraja-nos o facto de podermos verificar que todos que tombaram no meio das lutas em prol da defesa da Republica, podem dormir socegados o seu sono eterno. O ideal por que se bateram e que ajudaram a realizar, o regimen republicano, ainda vive e viverá.

Triunfou das investidas traçoceiras dos monarchicos das incursões, que, no norte, foram batidos pela bravura heroica dos civis e do exercito republicano.

De nada valeu aos inimigos do regimen armarem-se, covardemente, em terras da Espanha de Afonso XIII, para atacarem a propria Patria em que haviam nascido.

Triunfaram os principios liberaes. Foi honrada a memoria de todos que baquearam nas campanhas pela liberdade, vencendo a Republica e honrando a Patria.

Muitos dos sobreviventes dessas perlas heroicas, levados pelas circunstancias e pelas necessidades da vida, e de todos os entes queridos, tantos vivendo miseravelmente, torturado de saudades e pelo pensamento de que os seus se vivem também a braços com a mais negra miseria.

Há tristeza, dores, saudades, fome mesmo em muitos lares.

As lutas entre os homens e as dificuldades da vida provocam por vezes a desagregação das familias, separam tantos que pela comunhão dos mais puros afectos bem unidos desejariam viver.

Recordando pois todos os correligionarios ausentes da Patria, cumpro um dever que me impõe á minha consciencia, prestando a todos a homenagem da minha saudade e admiração.

Portugueses e republicanos, que longe da familia e da Patria no labor de todas as horas, lutam pelo bem-estar dos seus, honrando a Patria e prestigiando a Republica com as suas qualidades de resistencia e trabalho, gente humilde, heroes ignorados, eu vos saúdo como os mais fecundos obreiros da civilização e os mais vigorosos soldados da causa da Patria e da Republica.

Lisboa, 1933.

Lucio Escorcio.

**FOLHETIM**

Por falta de espaço, temos sido forçados a não publicar o nosso folhetim *O Rubi Oriental*.

Que nos desculpe o seu autor sr. Pais Condessa e os leitores tenham paciencia pela falta.

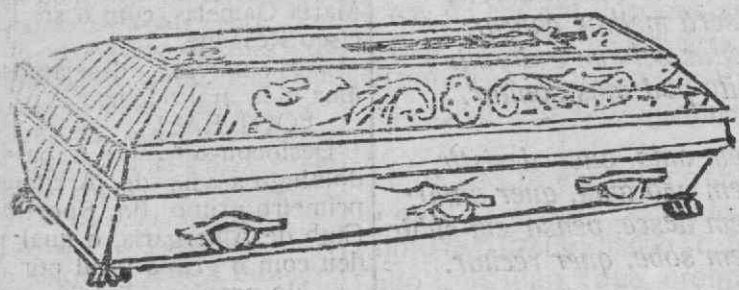
Bem assim, como muitos outros artigos e noticias, que nos ficam para o proximo numero, pedindo igualmente desculpa aos seus autores.



Agencia Funeraria

DE

António Marques da Cunha



Tem sempre no seu depósito de Cacia UMA GRANDE VARIEDADE DE URNAS EM MOGNO E CASTANHO VELHO. CHUMBO para soldaduras que executa com toda a rapidez e perfeição. CAIXÕES DOS MAIS MODESTOS AOS DE MAIOR LUXO ALUGA salvas, toalhas, cêra, castiçais e COROAS para todos os preços e vende novas.

Rua Conselheiro Nunes da Silva, CACIA

Manuel Correia Vidinha

COM

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e sêda—Miudezas e louças de todas as qualidades—Sapatos e chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

Praça da Republica (em frente ao chafariz—Aveija

Restaurant Floresta

Este modesto restaurant tem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida CALDEIRADA

A «Ginginha de Lisboa» tambem aqui se vende sendo por excellencia um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a GRIPE

Joaquim Simões Birrento

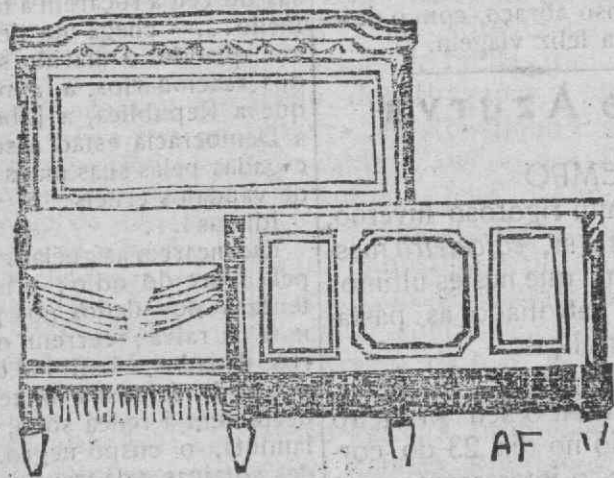
LARGO DA ESTAÇÃO

AVEIRO

Manuel Soares

Marceneiro

EIXO — AZURVA



Fabricante de mobílias de toda a especie, tais como camas, mesas de calceira, cadeiras, toailettes de diversos modelos, guarda bestios, etc. Ninguém compre sem consultar os meus preços.

Padaria e Merceria de JOSÉ MARIA TAVARES

(Em frente ao Apeadeiro de Cacia)

Esta antiga casa, que se esmera por bem servir os seus clientes, tem sempre á venda o belo pão que é fabricado com asseio e farinhas das melhores qualidades.

Tambem está fornecida de todos os artigos de MERCEARIA e de BOM VINHO.

Preços de combate!

VÊR PARA CRER!

Coisas uteis

PREÇO DOS GENEROS EM ESTARREJA

Milho b. nacional (20 L.)	15\$00
» Amarelo . . . . .	« 14\$00
Trigo . . . . .	« 23\$00
Centeio . . . . .	« 16\$00
Feijão branco . . . . .	« 24\$00
» amarelo . . . . .	« 28\$00
» mistura . . . . .	« 11\$00
» larangeiro . . . . .	« 28\$00
» frade . . . . .	« 17\$00
Ovos (duzia)	5\$20

COMBOIOS EM CACIA

Para o Norte:	Para o sul:
4,59 (correio)	8,11 (Omnibus)
7,26 (Tramway)	10,31 (Tramway)
7,34 (Omnibus)	12,10 (Tramway)
11,09 (Tramway)	15,57 «
13,18 «	16,58 (Omnibus)
17,3 «	6,12 (Tramway)
20,08 (correio)	20,56 «
22,54 (Tramway)	23,25 (correio)

A Bemfeitora L.<sup>a</sup>

Casa da Pinhores

R. de S. Bento, 420

LISBOA

Garage do Americano

—DE—

José Maria Pereira

Gafanha da Nazaré (Frente á Igreja)—Aveiro



Vende e aluga bicicletas e seus acessórios de todas as marcas.

Reparações garantidas. Preços modicos com rapidez e segurança.

Fazem-se todos os concertos em relógios e grafonólas, garantindo-se o seu bom funcionamento.

Vêr Para Crêr

Soalho, Fôrro e Cabeço aparelhado sempre em depósito. Madeiras de Construção, Bombas para Martilhas e Tintes para possos. Tiram-se Orçamentos gratis, encarega-se de qualquer especie de Carpintarias.

ANTÓNIO SOARES DA SILVA

Mataduços—Aveiro

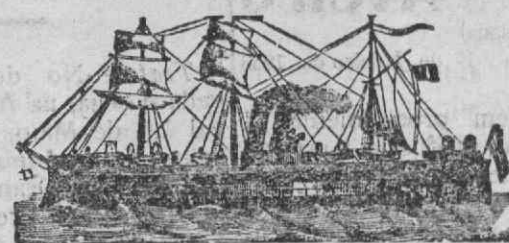
—DE—

Atenção

Quereis prospectos, faturas, rifas, programas, memoranduns, barcos? Fiem á Tipografia Caciense Quinta do Loureiro Cacia.

AGENCIA GOSTA

Passagens



Passaportes

Praça - Estarreja

Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil, Argentina, America do Norte, França e Africa e trata de toda a documentação legal para estes portos.

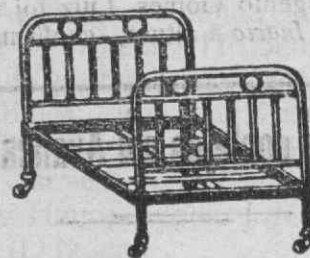
Responde-se a toda a correspondencia.

Prontidão, Seriedade e Economia

A «Construtora» de Móveis de erro de Avanca

— DE —

João António S. Borges

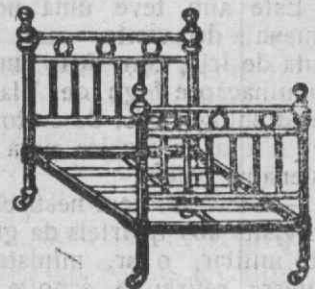


Grande produção de móveis de ferro

Fornecimento para todos os pontos do país, aos melhores preços do mercado.

Fabrico solido e perfeito. Se querem ser bem servidos e servirem bem os vossos clientes não comprem sem verificar o meu fabrico

Consultem preços.



A ZULEJOS

Azulejos artisticos e decorativos — A maior perfeição em todos os estilos — Cópias fieis de: monumentos, assuntos históricos, paisagens, . . . . . gens, fotografias, etc. . . . .

FABRICA

— DA —

FONTE NOVA

— DE —

Manuel Pedro da Conceição, Filhos

(Firma registada)

AVEIRO PORTUGAL

Premiada em diversas exposições nacionais e estrangeiras — Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1922

(Casa Fundada em 1882)

Fábrica Portuguesa de Tintas de Impressão, Lda.

Escritório e Fábrica: Rua da Pasteleira, 240 (Lorde do Ouro) — Porto

TINTAS TYPO - LITOGRAFIAS E INDUSTRIAIS

Esmalte «Apollo»

O melhor que se fabrica no País

ESPECIALIZADA EM TINTAS PARA Traineiras e Navios

ALVIADES, SECANTES LIQUIDOS E VERNIZES

O ECOS DE CACIA é impresso com as afamadas tintas desta casa que se recomendam pela sua boa qualidade.

Oficina de Carpintaria Mecânica